

Sem lei e sem alma

MÁRIO DAUDT*

“Só os inteligentes deveriam governar e, infelizmente, intelectos não são tão numerosos quanto narizes”, disse Sócrates há mais de 2.000 anos. Porém, nossos congressistas, justiça se lhes faça, não são narizes comuns. São narizes capazes de humilhar o mais puro perigueiro, narizes tão fantásticos a ponto de farejar a distâncias inimagináveis qualquer tipo de orçamento ou dólares escondidos ao longo dos oito milhões de quilômetros quadrados de todo o território brasileiro.

Outra característica mirabolante dos inefáveis parlamentares é a do esquecimento imediato de todos os compromissos ou promessas assumidas com o povo que os elegeu.

Ao cruzarem na próxima esquina com seus eleitores da véspera, os nobilíssimos já não os conhecem mais, nem concedem um mísero cumprimento ao desgraçado que lhe cumprimenta. Dose para elefante aturar tais espoletas diante do vídeo caprichando em posar de inteligentes, exuberantes em promessas mirabolantes e inexcedíveis na retórica. Representam, simplesmente, caricatas figuras de mamonetas manipuladas pelos cordéis da demagogia e da desfaçatez de falar ao público. Suas frases recheadas de chavões ideológicos ultra-repissados começam e acabam sempre no mesmo tom — “soberania nacional”, “imperialismo americano”, “submissão aos banqueiros internacionais”, “imposição do FMI”, “marcha inexorável para o socialismo democrático”, “construir nossa própria socialdemocracia” e outras tolices congêneres. Bem provável que a maioria desses hilariantes personagens não saiba nem desconfie onde fica Berlim, quanto mais o significado da queda do seu “muro da vergonha”.

O público, quando ameaçado de aturar os nefandos programas de propaganda eleitoral, recua dois passos, apavorado, como diante de “Jack o estripador”, e sai em desabalada carreira a desligar o mais rapidamente possível suas televisões.

Talvez sejam estes os únicos momentos em que todos os aparelhos ficam mudos ao mesmo tempo para alívio geral. Ao futuro candidato à política deveria exigir-se como currículo qualidades intelectuais e morais comprovadas que o habilitassem para o exercício de tão nobre e complexa missão. Convinha ser ele “polivalente” (como é apontado o jogador de futebol moderno) em honestidade, educação, instrução superior, alguns conhecimentos de ciências políticas e noções de filosofia. Utopia? Absurdo? Certamente não, quantos parlamentares antigos e uns poucos atuais exibiram e exigem tais predicados.

Escândalo total, quando, em passado não muito distante, fogo de deputado foi cassado por falta de decoro ao permitir que o fotografassem, na sua residência, trazendo simplesmente um paletó “indexado” a uma franciscana e inocente cueca samba-canção da moda. Bons, saudosos tempos em que uma humilde cueca, recatada ancestral da nossa bermuda moderna, ao aparecer em cena pudicamente cobrindo simplório usuário seria capaz de abalar e eriçar os brios das instituições da república.

Recentemente, o país foi mais uma vez alvejado por um petardo afrontoso e torpe, cujos protagonistas pertencem ao Legislativo e Judiciário, ao concederem-se cincicamente, na calada da noite, acintoso aumento dos próprios subsídios num momento absolutamente inadequado e dramático em face de inadiáveis providências na terrível luta contra a inflação.

O povo, entre estarrecido e indignado diante de tamanha falta de patriotismo, insensibilidade e cara-de-pau, sentiu-se covardemente traído justamente por aqueles que deveriam oferecer exemplos maiores de austeridade, dignidade e justiça. Notório ainda constatar que nenhum deputado falta à sessão da Câmara quando se trata da votação de seus oníricos salários.

Esta classe de privilegiados está farta de saber que representa consenso mundial o salário de um congressista atingir, em média, apenas dez vezes o mínimo. Entretanto, fingem ignorá-lo. A soma de escorregões dos parlamentares os situa sob permanente deconfiança e descrédito total junto à opinião pública.

Nosso Congresso, venerável instituição na arte do cultivo e da prática de democracia, no momento, deve chorar lágrimas de esguicho de tristeza, frustração e vergonha.

Continua, assim, à flor da pele a explosão incontida de revolta e indignação contra a monstruosa e inédita sujeira da máfia do Orçamento. Não há como evitar que do Oiapoque ao Chui chovam torrenciais, agressivos e contundentes adjetivos.

Lamentar-se, apenas, que uns poucos parlamentares valorosos estejam injustamente colocados no redemoinho da fúria cega de uma população com os nervos em frangalhos. Compreensível que qualquer ser humano enfrentando nera miséria, pisoteado e sem um fio de esperança está a um passo de tornar-se um drácula, ávido de chupar todas as carótidas de uma sociedade que ignora seu direito de sobreviver.

Dizem que o diabo, nas profundezas do inferno, exibiu às almas penadas um documentário sobre a nossa moderna e sofisticada tecnologia de massacre e flagelo imposta ao povo através da miséria, fome, inflação e sádico abandono da educação e da saúde. O impacto foi de apavorar, pois Satã, radiente, ameaçou que ao mínimo sinal de indisciplina os infratores seriam exemplarmente castigados com uma temporada brasileira, causando desmaios e pânico indescritível.

Segundo o admirável livro *Filosofias em luta* (Bispo Fulton Sheen), as revoluções são mil vezes mais cruéis e sangrentas que as guerras, pois nascidas do puro ódio, ressentimento, injustiça e abandono. Nas guerras, sabe-se que na maioria das vezes luta-se mais insuflado do que motivado contra inocentes desconhecidos de terras longínquas e idiomas diferentes, que jamais tiveram a mais leve participação no sofrimento alheio.

O nosso político, no embalo das nuvens e nas carícias do Nirvana, continua alienado do seu supremo dever de legítimo representante do povo em sua aspiração máxima de acesso ao bem comum.

Os esqueléticos trombadinhas nada mais são do que produtos e filhos naturais da atuação desastrosa e irresponsável dos gordos trombadões das classes dominantes — Executivo, Legislativo, Judiciário, governante, político, etc; ou qualquer outro organismo de onde emanam deletérias forças de poder, comando, influência e... do mal.

Terrível conviver com o infeliz gigante deitado eternamente em berço esplêndido, amarrado por seus algozes. Aquilo que o país necessita urgente e prioritariamente é redescobrir o “homem de bem”, com ou sem a lanterna de Diógenes.